

O demoníaco no Evangelho de Marcos

*Archibald Mulford Woodruff**

Resumo

O evangelho de Marcos menciona seres demoníacos em primeiro lugar como espíritos impuros e como demônios. O príncipe deles é referido por outros como Belzebu e por Jesus como Satanás. Foi preciso que o Espírito Santo fosse chamado de Santo para diferenciá-lo dos outros espíritos, coisa desnecessária no Antigo Testamento. Do estudo exegetico de Marcos surgem algumas conclusões: 1) os demônios são associados com lugares; 2) são nocivos aos seres humanos, tanto aos pagãos como aos judeus; esta maldade relaciona-se com a impureza; 3) o inimigo dos demônios é Deus e tudo quanto é santo, incluindo o Espírito Santo e Jesus como Santo de Deus; 4) o “príncipe” dos demônios é Satanás (termo preferido por Marcos e Jesus); Jesus nunca o chama de Beelzebu porque equivaleria a reconhecê-lo como poderoso; 5) os demônios não são os únicos responsáveis pelos males do mundo, pelas moléstias nem pela recusa de se ouvir a palavra de Deus; 6) os demônios facilmente são confundidos com seres humanos. **Palavras-chave:** demônio; Satanás; impureza; evangelho de Marcos.

The Demonic in the Gospel of Mark

Abstract

Demonic beings are referred to in Mark primarily as impure spirits but also as demons. Their prince is called Beelzebul by others and Satan by Jesus. The Holy Spirit needs to be called Holy in order to differentiate it from the other spirits, which was unnecessary in the Old Testament. From an exegetical study of Mark the following conclusions arise: 1) Demons are associated with places. 2) Demons are dangerous and damaging to human beings, whether pagan or Jewish. Their dangerousness is associated with their impurity.

* É doutor em Estudo da Religião pela Universidade de Pittsburgh (EUA) e professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo.

3) The enemy of the demons is God and everything that is holy, including the Holy Spirit and Jesus as the Holy One of God. 4) The “prince” of the demons is Satan. This is the term which Mark and Jesus prefer. To call him Beelzebul is to attribute powers to him, and Jesus does not do this.5) The demons are not responsible for all the evils in the world, neither all the illnesses nor every failure to hear the word of God.6)The demons are easily confused with groups of human beings.

Key-words: demon; Satan; impurity; Gospel of Mark.

El demoníaco en el Evangelio de Marcos

Resumen

Los seres demoníacos son referidos en el Evangelio de Marcos en primer lugar como espíritus impuros, pero también como demonios. El príncipe de ellos es referido por otros como Belzebu y, por Jesús, como Satanás. El Espíritu Santo necesita ser llamado de Santo para diferenciarlo de los otros espíritus, cosa desnecesaria en el Antiguo Testamento. Del estudio exegético de Marcos surgen conclusiones: 1) Los demonios son asociados con lugares. 2) Ellos son nocivos a los seres humanos, tanto a los paganos como a los judíos; esta nocividad es asociada con la impureza. 3) El enemigo de los demonios es Dios y todo cuanto es santo, incluyendo el Espíritu Santo y Jesús como Santo de Dios. 4) El “príncipe” de los demonios es Satanás. Es el vocablo preferido de Marcos y Jesús. Lo llamar de Belzebu es lo reconocer como poderoso, que Jesús no hace. 5) Los demonios no son los únicos responsables por los males del mundo, ni de todas las moléstias y ni tampoco de la no escucha a la Palabra de Dios. 6) Los demonios, facilmente, se confunden con grupos de seres humanos.

Palabras-clave: demonio; Satanás; impureza; evangelio de Marcos.

No evangelho de Marcos, o demoníaco é presença óbvia e conhecida, mas o estudo exegético do texto pode trazer surpresas. Neste artigo serão estudados alguns trechos de Marcos e pretendemos chegar a algumas conclusões.

Marcos 1,23-24

Os demônios entram em cena pela primeira vez em Marcos 1,23-24: *E imediatamente houve na Assembléia um homem com um espírito impuro e ele gritou alto, dizendo, “Que tens conosco, Jesus, o nazareno? Vieste para nos destruir? Sei quem és, o Santo de Deus”. É também o início da carreira de Jesus, em termos de narrativa; a primeira cena dramática de sua atuação pública. Quando a crítica das formas dominava o estudo dos evangelhos, a inclusão de um tema novo na Bíblia poderia passar despercebida embora tivesse valor exegético. Foi o que aconteceu em Cafarnaum, cidade pequena onde Jesus acabava de chegar, acompanhado pelos quatro pescadores que o seguiam. Era*

sábado. Entraram na assembléia, também conhecida como sinagoga. A natureza exata desta instituição é desconhecida. Qualquer ato religioso, cívico ou religio-cívico seria realizado aí. Mas nem tudo o que acontecia nesse lugar limitava-se à oração e ao louvor. Se, de um lado, Jerusalém tinha o Sinédrio, Cafarnaum, de outro, possuía a assembléia. As sinagogas judaicas têm sido comparadas à *ágora* ou praça central das cidades gregas.¹ Durante a fala de Jesus ouve-se o grito, *Que tens conosco?* O narrador informa que quem fala é um *homem com espírito impuro*, mas é o homem que fala em primeiro lugar. Não havia nada surpreendente nesse fato. Em plena Cafarnaum temos um forasteiro ensinando, e reações xenófobas eram humanamente possíveis. Neste caso, *conosco* significaria *com os cafarnaenses*.

É a segunda reação a Jesus, depois do espanto (v.22). O espanto é provocado pelo ensino de Jesus (v.21), e o motivo do espanto, a autoridade dele, diferente da dos escribas. É o que explica o narrador com as palavras *ensino* e *autoridade*, que voltam na boca do povo no v.27, dando a entender que representam seu pensamento. O próprio termo *espírito impuro* aparece na boca do narrador (v.23,26) e do povo (v.27), mas não na de Jesus.² A explicação do motivo é uma quase-citação. Outra palavra importante nesse contexto é *escribas*.³ Quem levantava objeções a Jesus (no caso, o espírito impuro) poderia ser, inclusive, aliado dos escribas, que em tese ensinavam as coisas de Deus mas no entender de Marcos não as praticavam.

A expressão *espírito impuro* já aparece na Fonte Q (Q 11:24-26), camada da literatura dos evangelhos mais próxima do tempo do próprio Jesus que Marcos. A Fonte Q data, provavelmente, dos anos 40 e Marcos por volta do ano 70. Na Fonte Q a palavra *demônio* aparece duas vezes (Q 7:33; 11:19-20)⁴ Qualquer espírito chamado de *impuro* é altamente maligno, tanto na Fonte Q como em Marcos. Contudo, outro aspecto é ressaltado por Adela Collins, de que estes

¹ Brenda Deen Schildgen, *Crisis and Continuity*, p.33; mas observa a distinção entre *ágora* e assembléia em Mc 12,38-39.

² Em outro texto de Marcos (5,8) o termo aparece na boca de Jesus.

³ Historicamente, não se sabe se escribas jamais estiveram presentes em povoados tão pequenos como Cafarnaum, ou como eles estariam presentes. O que interessa aqui é a narração de Marcos, que apresenta escribas sentados numa casa (2,6) e correndo atrás de bons lugares nas assembléias (12,39). Existe um intérprete de Marcos que considera que muitos comentários inseridos na narração de Marcos não pertencem à narração mas somente ao discurso persuasivo do autor dirigido diretamente ao leitor sem intermediação na narração (Robert Fowler, *Let the Reader*). Quem aceita as premissas de Fowler pode dizer que a referência aos escribas é somente um comentário editorial sobre a história e invalidar a posição tomada aqui.

⁴ Ver a *Critical Edition*, p. 238-243, 144-145, 230-233.

espíritos eram anjos que ficaram impuros por causa de relações sexuais com mulheres.⁵ Joel Marcus identificou várias referências judaicas a espíritos impuros.⁶

Em Marcos, encontramos pela primeira vez o termo *espírito impuro* e depois, *demônio*. Num lugar como Cafarnaum, ouve-se primeiro a respeito de um *espírito impuro* e depois de *demônios*. Num texto como o da mulher siro-fenícia, ouve-se primeiro de um *espírito impuro* e depois de um *demônio*. Sem contexto específico, realmente o termo *demônio* comunica pouco; o termo *espírito impuro* comunica muito mais, embora Marcos trate o termo *demônio* como mais usual na sua comunidade. Ele emprega *espírito impuro* para introduzir o assunto e *demônio*, depois. Se o termo *espírito impuro* é bem judaico, o termo *demônio* é mais grego. Ou melhor, seria mais grego se a referência não fosse entendida tão negativamente.⁷ Os *daimones* podem ser deuses em geral (Sófocles, *Ajax*, linha 1130; *Hino a Demeter* [entre os Hinos Homéricos], linha 338), e Platão é surpreendentemente positivo sobre o *daimon* de Sócrates (na *Apologia*). Deuses menores podem ser *daimonia* (singular: *daimonion*), porém é nos evangelhos que estes espíritos são considerados maus.

Voltemos à sinagoga de Cafarnaum. À medida que o orador continua a falar torna-se menos provável que seja mero ser humano normal. O homem que o interrompera teme ser destruído, pois o visitante é *o Santo de Deus*. Intérpretes tradicionais de Marcos têm procurado “paralelos” para entender o significado de *Santo de Deus*. Se houvesse algum texto rabínico com estas palavras, valeria ouro para esse tipo de pesquisa. Mas nada disso foi encontrado. Outra maneira de interpretar Marcos seria pressupor certa coerência no seu evangelho inteiro e buscar pistas a partir de seu contexto. Antes de falar de um espírito impuro, Marcos já introduzira o Espírito Santo (1,11-12). O Espírito Santo no Antigo Testamento pode ser simplesmente chamado *o Espírito*, mas há tantos espíritos no mundo do Novo Testamento que o Espírito Santo precisa ser diferenciado dos outros. Nada é mais natural no judaísmo que o contraste entre o impuro e o santo. Afinal, o judaísmo não proíbe o fermento nas casas para ter uma Páscoa pura mas para ter uma Páscoa santa, para santificar a festa. Um pouco adiante no evangelho de Marcos, os escribas vindos de Jerusalém confundem o Espírito Santo, por meio do qual Jesus expulsa os demônios, com o príncipe dos demônios (3,22.29-30).

⁵ “Mark and His Readers . . . Jews,” 398.

⁶ *Anchor Bible Commentary*, v.27/1, p.187.

⁷ A palavra vem de *daimon*, não como diminutiva mas como adjetivo (*daimonios*). A esfera do divino e maravilhoso em geral pode ser referida como *daimônia* (Xenofonte, *Memorabilia de Sócrates*, 1.4.2), e chamar algo de *daimónios* é chamá-lo de maravilhoso ou mágico.

O que segue pode ser chamado de exorcismo sumário. É rápido. O espírito sai sem resistência, acatando a ordem de Jesus. A comparação entre este exorcismo e o texto para exorcismos que sobreviveu nos manuscritos de Qumran (4Q560), bastante prolixo, é dramática: *e deste à luz rebelião, engendrada (pela) visita do mal... o que entra na carne, ao penetrador varão e à penetradora fêmea... iniquidade e culpa, fogo e gelo, e ardor do coração... no sono, o que esmaga o varão e a que atravessa a fêmea, os que escavam... eu, ao espírito do juramento... eu te conjuro, espírito...*⁸

Marcos 1,34

Demônios estão de volta, também em público, ainda na Cafarnaum reunida,⁹ em 1,34: *E ele tratou a muitos que estavam enfermos com variadas moléstias e expulsou muitos demônios, e não deixava os demônios falarem, pois eles o conheciam.* As relações já são diferentes. Cafarnaum vem a Jesus e não Jesus a Cafarnaum. Quando Marcos diz que a cidade inteira estava na porta, ele situa as curas de Jesus no contexto social. Curar os enfermos é importante para a cidade, uma cidade de pobres com dificuldade para sustentar os que não podem trabalhar. Isto foi percebido por José Cárdenas Pallares, que escreve: “Su lucha es contra lo que acaba con la gente”.¹⁰ Trata-se de serviço prestado por Jesus à cidade, depois do serviço que a sogra de Pedro lhe prestou.¹¹ A própria palavra traduzida por *curar* também (e em maior continuidade com a história da palavra) pode ser traduzida por *atender*, ou algo parecido.

Ele já tinha curado a sogra de Pedro. Nada se fala de espanto, estranheza ou impureza. As moléstias que assolam o povo são mencionadas em primeiro lugar e os *demônios* (não mais *espíritos impuros*), em segundo. Marcos não trivializa o povo falando somente sobre os demônios que estão presentes no seu meio e tampouco trivializa os demônios, enxergando-os atrás de cada pequena enfermidade. Não é claro que as moléstias sejam todas causadas por demônios. Talvez o sejam, pois na cura da sogra de Pedro a febre a *deixa* e a lepra também *deixa* o leproso, assim como os espíritos deixam o endemoninhado. Existe dúvida se estas moléstias são realmente causadas por demônios em todos os casos;¹² pelo contrário, a cura acontece entre Jesus e a pessoa, enquanto o exorcismo acontece entre Jesus e o demônio. Surpreendentemente, o texto não diz que Jesus curou a todos (6,5 pode fornecer uma

⁸ Da edição de García Martínez, *Textos de Qumran*, p. 507; ver Penney e Wise, “By the Power of Beelzebub”.

⁹ A palavra usada no v. 33 para *reunida* é cognata com a palavra usada nos v.21 e 23 para *assembléia* (São *episyngmene* e *synagoge*, respectivamente).

¹⁰ Cárdenas Pallares, *Poder*, p. 29-30.

¹¹ Observado por Joel Marcus (*Mark 1-8*, p.200).

¹² Ver John Granger Cook, “Defense of Ambiguity.”

pista para entender a questão). Na narrativa em que Jesus acalma a tempestade aparecem aspectos de exorcismo sem o uso do termo oficial (4,39).

Diz o texto que os demônios o conheciam, mas não que sabiam ser Jesus, o Messias. Como o título (se for, de fato, título) *o Santo de Deus* não pode ser considerado messiânico, é melhor se ter cautela: eles reconheciam que a santidade de Jesus era perigosa. Jesus, claramente, não escolhia demônios para divulgar sua mensagem, e os leitores críticos de Marcos tiveram que elaborar sua cristologia com a ajuda de outros mestres e não com os demônios. A melhor “cristologia” de Marcos ainda é a afirmação da autoridade de Jesus. Os demônios não são seus agentes (contrariando a acusação em 3,22).

Marcos 3,10-12

Demônios estão de volta em outro lugar público, à beira-mar, depois da purificação (1,40-44) e da cura (2,1-12) sem exorcismos: *Pois ele tratou a muitas pessoas, de tal maneira que todos os portadores de moléstias estavam sempre caindo sobre ele na tentativa de agarrá-lo. E os espíritos impuros, ao verem-no, caíam sobre ele e gritavam, “Tu es o filho de Deus”. E ele repreendeu-lhes muito, mandando-lhes que eles não deixassem a sua identidade à mostra. A praia é terra de ninguém e como tal, igual ao deserto, lugar para demônios.*¹³

Assim como na porta em Cafarnaum, os enfermos são mencionados primeiro e os demônios depois. Desta vez, os enfermos vêm de todas as partes de Israel (3,7-8). Como os demônios foram chamados de *espíritos impuros* quando apareceram pela primeira vez em Cafarnaum, voltam a ser chamados da mesma forma no novo local. Assim como a ação do demônio na assembléia de Cafarnaum fora facilmente confundida com a ação de um cafarnaense humano e xenófobo, agora os empurrões dos demônios são facilmente confundidos com os da multidão.¹⁴ Assim como, na porta em Cafarnaum, Jesus calou os demônios que *o conheciam*, agora ele os cala de novo. Surge importante novidade: trata-se da cristologia dos demônios que chamam Jesus de *Filho de Deus*, cristologia que vai se repetir depois na voz de outro demônio (5,7). Não há exorcismo nesta cena, talvez porque desviaria a atenção do que Jesus pretendia realizar.

Embora alguns estudiosos sintam-se tentados a relacionar os demônios com o sentido simbólico do mar, não há base suficiente para isso. Outros exorcismos de Jesus acontecem perto do mar, bem como grande parte de seu ministério. O mar representa, obviamente, o caos primordial. Em Daniel 7,2-

¹³ Assim, Augustine Stock, *Method and Message*, p. 122 e William Lane, *Gospel*, p. 131

¹⁴ As pessoas caem sobre ele (*epipiptein*) e os demônios caem contra ele (*prospiptein*); os dois verbos são cognatos; sobre estes empurrões, ver Mateos e Camacho, *Marcos*, p.115.

3, as bestas opressoras saem do mar. Pode-se imaginar que os demônios do evangelho de Marcos também saiam de lá.

Jesus não escolhe demônios como seus ministros, mas, ao contrário (3,13-19), ministros humanos que não sabem ainda que ele é filho de Deus.

Marcos 3,22

De Jerusalém, lugar bastante perigoso para Jesus, surge malévola acusação: *E os escribas vindos de Jerusalém disseram que ele estava possuído por Beelzebu e que é pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios*. Existe um paralelo na Fonte Q, em outro ambiente narrativo.¹⁵ Não se trata, nem em Marcos nem na Fonte Q, da limpeza do lugar; não se admite que os espíritos sejam malignos e não se emprega o termo *espírito impuro*. Belzebu pode ser também príncipe dos demônios em 4Q560.¹⁶ Marcos entende que Belzebu é também um *espírito impuro* (3,30). Marcos e Jesus, ao que parece, preferem o termo *Satanás*. Tal príncipe deixa de ser *Baal*¹⁷ ou senhor de alguma coisa e é reduzido ao papel de oposição. Satanás vai chegar a seu fim (3,26), que surpreende o leitor/ouvinte depois de tantas repetições da polaridade *estabelecer-se/cair*. Satanás sofrerá mais que mera queda. Se ele deixará de existir ou somente perderá o poder é questão aberta. Várias perspectivas são oferecidas.¹⁸ A amarração de Satanás pode ser escatológica (cf. Isaías 24,22-23), mas a figura da amarração não deixa de ser típica de exorcismos.¹⁹

Marcos deixa transparecer que Jesus mostrou sinais de possessão (3,21), diferindo da Fonte Q. Como foi mencionado antes, o episódio considera que ele teria sido possuído pelo príncipe dos demônios, enquanto na realidade fora pelo *Espírito Santo* (3,28-30), contra o qual os acusadores já haviam blasfemado.²⁰

Marcos 4,15

A parábola do semeador pode ser melhor concebida como a parábola dos solos.²¹ Ou melhor, a parábola é do semeador na primeira apresentação, mas se revela como parábola dos solos na explicação feita depois por Jesus (4,13-20). Satanás é comparado às aves que comem as semente antes de brotar: *São estas os da beira do caminho: onde a palavra é semeada e quando ouvirem, imediatamente vem*

¹⁵ Q 11,15.17-22; *Critical Edition*, p. 224-235; ver também Irineu J. Rabuske, *Jesus exorcista*, p.82-89.

¹⁶ Esta é a proposta de Penney e Wise; contudo, a tradução de García Martínez não a acompanha.

¹⁷ Este vocábulo, de hebraico e aramaico, está embutido no nome *Beelzebu*.

¹⁸ Ernst Lohmeyer, *Evangelium*, p.79; William L. Lane, *Gospel*, p.43; Robert H. Gundry, *Mark*, p.182.

¹⁹ Sobre o amarrar de demônios, ver Joel Marcus, *Marcos 1-8*, p.274.

²⁰ Soares e Correia refletem sobre este pecado (*Evangelho*, v.1, p.182).

²¹ Mary Ann Tolbert, *Sowing*, p.149 e 150n35.

Satanás e tira a palavra que foi semeada neles. Os outros dois fracassos (o solo rochoso e os espinhos) não são atribuídos a Satanás, somente o primeiro.

A multiplicidade dos solos é importante, especialmente considerando a simplicidade das parábolas de Jesus em geral. Podemos chegar a certas conclusões a partir da própria multiplicidade. John Dominic Crossan, por exemplo, falou da “polivalência” desta parábola (*Cliffs of Fall*, p.48 e 50). Elaine Pagels, no seu livro *As origens de Satanás*, usa Marcos e especialmente este trecho para acusar o cristianismo de ser fonte fundamental de intolerância na cultura ocidental e de ter introduzido em nossa cultura a infeliz tendência de condenar como demoníaco o que é diferente ou incômodo. Contudo, este trecho deixa claro que a comunidade que tem adversários não deve culpá-los por todos os seus problemas mas assumir responsabilidade por alguns. Dos três grupos que não dão frutos, somente o primeiro é vítima de Satanás. Os outros são vítimas de seu próprio esquecimento (o solo rochoso) ou se distraíram (o caminho cheio de espinhos). Em vez de inimigos de Jesus, são seguidores imperfeitos; Mary Ann Tolbert identifica as vítimas de Satanás com os explicitamente hostis nos relatos de conflitos.²²

Marcos 5,1-20

Temos aqui um caso de exorcismo contado com mais detalhes. Ao chegar à beira-mar, Jesus é enfrentado pelo endemoninhado: *Que tens comigo, Jesus, filho do Deus Altíssimo, conjuro-te por Deus, não me atormentes!* Torna-se mais explícita a relação entre os espíritos impuros e o espaço físico, já indicada pelo termo diferenciado usado no primeiro encontro. A longa perícopes começa e termina com referências geográficas; *Gergesa*²³ (5,1) e *Decápole* (5,20). O demônio, que perde esperanças, pede para não ser expulso da região (*chora*)²⁴ (5:10). A função da legião consiste justamente em ocupar territórios. Trata-se de tomar posse de determinado lugar. Os porcos, pela mera presença, marcam a reivindicação de posse da terra,²⁵ assim como os bois portugueses e espanhóis fizeram nas zonas fronteiriças do Brasil e Argentina no século XIX e como o gado na Amazônia pode fazer hoje. A expulsão dos porcos junto com o demônio nega, pelo menos simbolicamente, a possessão alheia daquela terra que, afinal, fazia parte do Israel histórico.

O demônio é chamado no início de *espírito impuro* (5:2.8.13 emoldura o primeiro dos três segmentos que compõem a perícopes). A impureza é ressal-

²² Mary Ann Tolbert, *Sowing*, p. 153-154; Cf. O *inimigo* na parábola do jóio (Mt 13,24-30).

²³ É uma questão de crítica textual se se trata de *Gergesa*, *Gerasa* ou *Gadara*; vou defender a minha opção em outra oportunidade.

²⁴ Esta palavra pode se referir ou não ao território rural pertencente a uma *poús*.

²⁵ Ver Cárdenas Pallares, *Poder*, p. 86

tada pela morada do homem entre os túmulos fora da cidade, lugar impuro tanto para gentios como para judeus. A impureza deste espírito não corresponde somente a certa lei aplicada aos judeus. Não é impureza somente deontológica, correspondente a proibições, mas ontológica, correspondente à capacidade para fazer o mal. O homem libertado deste espírito considerase altamente beneficiado (5,19).

No segundo segmento da perícopes, o homem não é mais referido como vítima de um espírito impuro, mas *endemoninhado* (5:15-16), que no contexto significa *ex-endemoninhado*. Ele é *humano* ou homem (5,2.8), distinto dos espíritos. A informação sobre a vida pregressa do endemoninhado (5:4-5) enriquece a história e não tem igual nos relatos de exorcismo de Jesus. O comportamento dele sob a influência do demônio é descrito como assustador: ele não comportava grilhões nem roupa.²⁶

O discurso deste espírito relembra o discurso de outros. Semelhante ao demônio na assembléia de Cafarnaum, ele pergunta, *Que tens comigo?* (5,7). Assim como os demônios na beira-mar, ele sabe que Jesus é filho de Deus. Mesmo assim, a linguagem deste demônio é mais pagã ao se referir a *Deus altíssimo*,²⁷ e a linguagem do demônio em Cafarnaum é mais judaica ao temer o que é *santo*. Agora o conflito vai mais longe do que em Cafarnaum, quando o demônio fala *conjuro-te* (5,7), como se ele estivesse praticando o exorcismo contra Jesus. Quem vai expulsar a quem?

O nome *Legião* provavelmente indica um exército de ocupação, embora a palavra possa ser usada em latim para dizer enfaticamente *muitos*. No primeiro século, palavras latinas eram raras em textos gregos e somente seriam usadas por motivos prementes. Existem outras maneiras de dizer *muitos* em grego, e a palavra *Legião* é, de fato, militar. O verbo usado no v.13 para a ida ao penhasco é típico de movimentos militares descritos por Flávio Josefo: eles corriam esforçada e militarmente sobre o penhasco. Talvez estivesse em jogo a idéia de “hostes” de espíritos. Também podem ser viáveis certas leituras que interpretam o homem como alguém que interiorizou o espírito do opressor. Ainda mais: aquele homem poderia ser ex-soldado auxiliar ou ex-servidor de uma legião ou até um ex-legionário. Essa experiência pode ser comparada com a de veteranos de guerra que têm a síndrome de estresse pós-traumática e talvez especialmente à de quem lutou quando criança. Por outro lado, pode ser comparada a de escravos agrilhoados depois da captura, que a perícopes descreve.

²⁶ O autor deste artigo, como capelão-estagiário em um manicômio, conheceu pacientes que não queriam usar roupa.

²⁷ Cf. Dn 5,18 *et passim*.

Marcos 7,24-30

Surge outro espírito impuro numa região fora do controle judaico, *as bandas de Tiro*, onde Jesus é procurado no seu esconderijo por uma mulher estrangeira, a famosa siro-fenícia: *uma mulher, cuja filhinha tinha um espírito impuro* (7,25). Como em Cafarnaum e na terra dos gergesenos, o termo *espírito impuro* é usado primeiro e *demônio*, só depois (7,26.29.30). Desta vez a ênfase não cai sobre o espírito mas sobre a negociação entre Jesus e a mulher, que termina quando ele diz, *Por causa disto que falaste, vai, o demônio já está fora da tua filha* (7,29). Desta vez não é o demônio que enfrenta Jesus, mas um ser humano que acha o espírito nocivo. Essa mulher, apesar de pagã, acredita na capacidade de Jesus de livrá-la do espírito. A crença ou, melhor, a realidade destes espíritos não dependia da etnia da pessoa nem da “pertença” a determinada “religião”, como no Brasil de hoje os Orixás, também chamados de demônios, são a mesma realidade para pessoas com diversas identidades religiosas. A ida desta mulher a Jesus pode ser comparada à de um cristão ao terreiro nos dias de hoje, em busca da ajuda de algum Orixá, ou de alguém a uma igreja pentecostal para se livrar do Orixá.

Nada se diz sobre os efeitos malignos deste espírito; imagina-se que se refira a certa doença, porque a filha está recolhida ao leito.

Marcos 9,14-29

É diferente, também, do último exorcismo de Jesus relatado em Marcos. Não se define o local, apesar da presença da multidão e de escribas. A vítima do espírito, assim como o gergeseno, sofre de comportamento assustador: convulsões e atos auto-destrutivos. O narrador chama o espírito de *espírito impuro* (9,25), o pai da vítima o chama de *espírito mudo* (9,17) e Jesus, de *espírito mudo e surdo* (9,25). Esta linguagem relembra a cura de alguém com dificuldade de falar (7,31-36) e a aclamação de Jesus como aquele que faz tudo bem e até os mudos falarem e os surdos ouvirem (7,37). Desta maneira, os temas de cura e exorcismo se aproximam, embora as duas coisas continuem distintas. Jesus exorciza primeiro e, depois, cura. O exorcismo deixa a vítima aparentemente morta e Jesus a cura com o mesmo gesto usado com a sogra de Pedro e com a filha de Jairo (1,31; 5,41; 9,27): segurando a mão.

Os discípulos de Jesus como exorcistas

Quando Jesus chama os Doze, em Marcos, ele lhes dá autoridade para expulsar *demônios* (3,15); a missão deles será caracterizada pelo binômio proclamação e expulsão de demônios. A própria missão começa depois, e Jesus lhes dá novamente autoridade sobre demônios, agora chamados de *espíritos impuros* (6,7). Consta que eles saíram e proclamaram o arrependimento (6,12)

expulsaram *demônios* e também cuidaram de enfermos unguindo-os com óleo (6,13). Quando do exorcismo da vítima das convulsões, eles (agora denominados *discípulos* e não *os Doze*) tentaram em vão expulsar o espírito antes de Jesus chegar (9,18). Depois do exorcismo perguntam a Jesus porque haviam fracassado. Jesus respondeu, *Esta espécie não pode sair por outro instrumento a não ser pela oração..* Os intérpretes, em geral, não sabem o que a frase significa. Mas, podemos examinar as duas propostas seguintes: 1) o próprio conceito de oração precisa ser ampliado. A palavra *orar* pode também significar *jurar*.²⁸ A oração pode mover montanhas (11,23-24). Será que as palavras de exorcismo pronunciadas diversas vezes por Jesus poderiam ser consideradas de “oração”? 2) O episódio das convulsões representa uma transição no evangelho de Marcos. Até então, é Jesus quem pratica os exorcismos e as curas, de bom grado ou depois de certa negociação. Desta vez ele fala, antes de praticar o exorcismo, *Ó geração sem fé, até quando estarei convosco? Até quando vos agüentarei?* Antes e depois deste momento, o exorcismo é ofício dos discípulos. É hora da transição entre os exorcismos de Jesus e os dos discípulos. Haverá poucos milagres durante a estadia de Jesus em Jerusalém. Marcos poderia querer dizer o seguinte: os exorcismos dos apóstolos serão mais difíceis que os de Jesus, que são bem sumários. Agora o processo poderá ser mais demorado e precisará de muita oração.

Esta interpretação pode ser reforçada pela seguinte variante textual. Diz o texto *oração* ou *oração e jejum*? O texto das United Bible Societies (UBS), presente no *Novum Testamentum Graece* de Nestle e Aland, acompanha os dois grandes unciais, os Códices do Vaticano e Sinaítico (este somente na primeira edição, corrigida depois). Além destes unciais, quase não se fala em *jejum*. É típico da crítica textual moderna acompanhar estes dois unciais a despeito de todos os outros manuscritos, embora esta variante seja exemplo especialmente radical. Tal preferência para os unciais é ainda mais forte quando as “evidências internas”, quer dizer, a exegese, combinam melhor com a leitura dos unciais. A exegese moderna, em geral, entende que o Jesus de Marcos rejeitou o jejum em sua crítica aos seguidores de João Batista (2,18-20), embora seja uma leitura errada. O Jesus de Marcos não rejeita o jejum como parte da vida religiosa, mas apenas nos tempos de celebração, como quem sente que casamento e luto não combinam. Se concluirmos que o jejum pertence ao texto, entenderemos que o exorcismo praticado pelos discípulos deveria demorar mais que o de Jesus, pois precisaria de tempo suficiente para o jejum.

O tema do exorcismo dos discípulos é reforçado quando João, filho de Zebedeu, reclama dos exorcismos em nome de Jesus praticados por exorcistas

²⁸ Orar em grego é *euchomai* ou *proseuchomai*; jurar é *euchomai*.

que não pertencem ao círculo mais íntimo dos discípulos (9,38). Os discípulos, que tiveram dificuldade de acreditar na providência divina de pão (8,16-17), também demoram a acreditar nos exorcismos que podem praticar.

Conclusões

1) Estes espíritos relacionam-se a lugares, como Cafarnaum, beira-mar, terra dos gergesenos, e região fronteiriça de Galiléia e Tiro. Quando são mencionados pela primeira vez chamam-se *espíritos impuros*. Só depois são chamados de *demônios*.

2) Fazem mal aos seres humanos, tanto pagãos quanto judeus. A maldade é sugerida pelo termo *espírito impuro*. Ao contrário do que ensina o judaísmo rabínico, esta impureza é realidade ontológica e não mera transgressão dos mandamentos de Deus. Jesus não abole a idéia de impureza, ele purifica.

3) O grande inimigo desses espíritos é *Deus* e tudo quanto é *santo*, incluindo o *Espírito Santo*.

4) Seu “príncipe” é Satanás, mas Jesus o desmitologiza, evitando chamá-lo de *Baal* ou *Senhor* de alguma coisa (o vocábulo *Baal* está presente no nome *Belzebu*).

5) Os demônios não são os únicos responsáveis pelos males no mundo. As curas pode ser exorcismos ou acontecer depois dele. A incapacidade de se ouvir a palavra de Deus pode ser culpa de Satanás mas, também, de esquecimento ou distração (4,15-19).

6) Os demônios facilmente se confundem com grupos humanos, tais como o povo de Cafarnaum, a multidão com seus empurrões, e a Legião.

Referências bibliográficas

CÁRDENAS PALLARES, José. *El poder de Jesús el carpintero: Jesús y el poder en el evangelio de Marcos*. México: Ediciones Dabar, 1996. 262p.

COOK, John Granger. In *Defense of Ambiguity: Is There a Hidden Demon in Mark 1.29-31?* Em *New Testament Studies*, Cambridge, 1997, v.43, n.2, p.184-208.

COLLINS, Adela Yarbro. *Mark and His Readers: The Son of God among Jews*. Em *Harvard Theological Review*, Massachusetts, 1999, v.92, n.4, p.393-408.

CROSSAN, John Dominic. *Cliffs of Falk: Paradox and Polyvalence in the Parables of Jesus*. Nova York: Seabury, 1980, 120p (A Crossroad Book).

CROSSAN, John Dominic. *In Parables: The Challenge of the Historical Jesus*. Nova York: Harper & Row, 1973. 141p.

FOWLER, Robert M. *Let the Reader Understand: Reader-Response Criticism and the Gospel of Mark*. Minneapolis: Fortress, 1991, 279p.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995, 582p.

- GUNDRY, Robert H. *Mark: A Commentary on His Apology for the Cross*. Michigan: Eerdmans, 1993, 1069p.
- LANE, William L. *The Gospel According to Mark: The English Text with Introduction, Exposition and Notes*. Michigan: Eerdmans, 1974, 652p (New International Commentary on the New Testament).
- LOHMEYER, Ernst. *Das Evangelium des Markus*. 17ª ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967, 366p (Kritisch-Exegetischer Kommentar über das Neue Testament – “Comentário Meyer”).
- MARCUS, Joel. *Mark 1-8*. Nova York: Doubleday, 1999, 569p (Anchor Bible Commentary, 27).
- MATEOS, Juan, CAMACHO, Fernando. *Marcos: Texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998, 390p (Comentários bíblicos).
- PAGELS, Elaine. *The origin of Satan*. New York: Random House, 1995.
- PENNEY, Douglas L., WISE, Michael O. By the Power of Beelzebub: An Aramaic Incantation Formula from Qumran (4Q560). Em *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, 1994, v.113, n.4, p.627-650.
- RABUSKE, Irineu J. *Jesus exorcista: Estudo exegetico e hermenêutico de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001, 415p (Bíblia e história).
- ROBINSON, James M., HOFFMANN, Paul, KLOPPENBORG, John S. (ed.). *The Critical Edition of Q: Synopsis including the Gospels of Matthew and Luke, Mark and Thomas with English, German and French Translations of Q and Thomas*. Minneapolis: Fortress e Leuven: Peeters, 2000, 581p (Hermeneia).
- SCHILDGEN, Brenda Deen. *Crisis and Continuity: Time in the Gospel of Mark*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, 176p (Supplements to the Journal for the Study of the New Testament, 159).
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira e CORREIA Júnior, João Luiz. *Evangelho de Marcos. Vol. I: Refazer a casa (capítulos 1-8)*. Petrópolis: Vozes, 2002, 300p (Comentário bíblico).
- STOCK, Augustine. *The Method and Message of Mark*. Delaware: Michael Glazier, 1989, 452p.
- TOLBERT, Mary Ann. *Sowing the Gospel: Mark's World in Literary-Historical Perspective*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1996, 336p.